

NÍGER REJEITA A “ORDEM BASEADA EM REGRAS”

Por **M. K. Bhadrakumar**



Nigerianos participam de marcha convocada por partidários do general Abdurahman Tchiani em Niamey, no Níger, domingo, 30 de julho de 2023 (Sam Mednick/AP Photo).

Victoria Nuland, cuja missão no Níger era dissuadir os líderes golpistas, foi impedida de se encontrar com presidente deposto, Mohamed Bazoum, e também não conseguiu reunir-se com o general Tchiani, o atual líder do país.

O golpe no estado do Níger, na África Ocidental, em 26 de julho, e a Cúpula Rússia-África, no dia seguinte, em São Petersburgo, estão se desenrolando no contexto da multipolaridade na ordem mundial. Eventos aparentemente independentes, eles capturam, no entanto, o *zeitgeist* de nossa era transformadora.

Primeiro, o quadro geral – a cúpula da África organizada pela Rússia em 27 e 28 de julho representa um grande desafio para o Ocidente, que instintivamente procurou minimizar o evento depois de falhar no *lobby* contra nações africanas soberanas que se reuniam com a liderança russa. Quarenta e nove países africanos enviaram suas delegações a São Petersburgo, com 17 chefes de estado viajando pessoalmente à Rússia para discutir questões políticas, humanitárias e econômicas. Para o país anfitrião, que se encontra em plena guerra, foi um notável sucesso diplomático.

A cúpula foi essencialmente um evento político. Seu *leitmotiv* foi a justaposição do apoio de longa data da Rússia aos africanos que resistem ao imperialismo e à natureza predatória do neocolonialismo ocidental. Isso funciona de forma brilhante para a Rússia hoje, que não tem histórico colonial de exploração e pilhagem da África.

Enquanto de vez em quando esqueletos da era colonial continuam a sair do armário ocidental, remontando ao não lamentado comércio de escravos africanos, a Rússia explora o legado soviético de estar do “lado certo da história” – até mesmo ressuscitando o nome completo da Universidade da Amizade dos Povos da Rússia Patrice Lumumba em Moscou.

No entanto, nem tudo foi política. As deliberações da cúpula sobre a parceria Rússia-África ajudando o continente a alcançar a “soberania alimentar”, alternativas ao acordo de grãos, com novos corredores logísticos para alimentos e fertilizantes russos; melhoria da cooperação comercial, econômica, cultural, educacional, científica e de segurança; a África potencialmente se juntando ao Corredor Internacional de Transporte Norte-Sul; a participação da Rússia em projetos de infraestrutura na África; o [Plano de Ação do Fórum de Parceria Rússia-África](#) para 2026 –testemunham o resultado quantificável.

Então vem o Níger. Os acontecimentos mais recentes no país ressaltam o *leitmotiv* da cúpula Rússia-África. O prognóstico da Rússia sobre a crise africana está confirmado – a contínua devastação do imperialismo ocidental. Isso fica evidente nos relatos de bandeiras russas vistas em manifestações em Niamey, capital do Níger.

Os rebeldes que tomaram o poder não perderam tempo em denunciar os acordos de cooperação técnico-militar do Níger com a França, aos quais se seguiu a exigência de que a França retirasse suas tropas em 30 dias. Por seu lado, a França tem falado “firme e resolutamente” a favor de uma intervenção militar estrangeira “para suprimir a tentativa de golpe”. As autoridades francesas deixaram claro que não têm planos de retirar seu contingente armado de 1.500 pessoas que estão no Níger “a pedido das autoridades legítimas do país com base em acordos assinados”.

A postura da França não surpreende – Paris não quer perder sua posição na região do Sahel e a fonte barata de recursos, especialmente urânio. Mas a França calculou mal que o golpe não contava com o apoio dos militares nigerianos ou que tinha uma base social, e tudo o que era necessário para revertê-lo seria uma demonstração limitada de força que obrigaria a guarda presidencial de elite a iniciar negociações diretas com França.

A França e os EUA coordenam suas ações com a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO). A CEDEAO inicialmente fez algum barulho, mas diminuiu. Seu prazo de intervenção já passou. A CEDEAO simplesmente não tem mecanismos para a rápida reunião de tropas e coordenação de hostilidades, e sua potência, a Nigéria, está ocupada com a segurança interna. A [opinião pública nigeriana se preocupa](#) com um golpe – o Níger é um país grande e tem uma fronteira porosa de 1.500 quilômetros de extensão com a Nigéria. Uma verdade não dita é que a Nigéria dificilmente está interessada em aumentar a presença militar francesa no Níger ou em estar do mesmo lado da França, que é extremamente impopular em todo o Sahel.

A maior de todas as surpresas é que o golpe militar [goza de uma onda de apoio popular](#). Nestas circunstâncias, a grande probabilidade é que as tropas francesas

sejam forçadas a deixar o Níger, sua ex-colônia. O Níger é vítima da exploração neocolonial. Sob o pretexto de combater o terrorismo, que é, ironicamente, um desdobramento da intervenção da OTAN na Líbia em 2011 liderada por ninguém menos que Paris na região do Sahel, a França explorou impiedosamente os recursos minerais do Níger.

Um notável poeta e crítico literário nigeriano, o professor Niyi Osundare, escreveu na semana passada: “Examine a causa, o curso e os sintomas do atual ressurgimento de golpes militares na África Ocidental. Encontre uma cura para esta pandemia. Mais importante, encontre uma cura para a praga das injustiças políticas e socioeconômicas responsáveis pela inevitabilidade de sua recorrência. Lembre-se da atual anarquia brutal na Líbia e das inúmeras repercussões da desestabilização daquele outrora florescente país para a região da África Ocidental.”

O único estado regional que pode permitir uma intervenção militar efetiva no Níger é a Argélia. Mas a Argélia não tem experiência na condução de tais operações em escala regional nem tem intenção de se afastar de sua consistente política de não ingerência na política interna de um país soberano. A Argélia alertou contra qualquer intervenção militar externa no Níger. “Ostentar uma intervenção militar no Níger é uma ameaça direta à Argélia, e nós a rejeitamos completa e categoricamente... Os problemas devem ser resolvidos pacificamente”, disse o presidente argelino Abdelmadjid Tebboune.

Em sua essência, sem dúvida, o golpe na República do Níger se reduz a uma luta entre os nigerinos e as potências coloniais. Certamente, a tendência crescente de multipolaridade na ordem mundial encoraja as nações africanas a se livrarem do neocolonialismo. Isso é uma coisa. Por outro lado, as grandes potências estão sendo compelidas a negociar em vez de ditar.

Curiosamente, Washington tem sido relativamente contido. A adoção de “valores” pelo presidente Biden ficou muito aquém do *diktat* sobre “ordem baseada em regras” – embora os Estados Unidos supostamente tenham três bases militares no Níger. No cenário multipolar, as nações africanas estão ganhando espaço para negociar. O pró-ativismo da Rússia estimulará esse processo. A China também tem interesses econômicos no Níger.

Notavelmente, o líder do golpe, Abdurahman Tchiani, tem registrado que “os franceses não têm razões objetivas para deixar o Níger”, sinalizando que um relacionamento justo e equitativo é possível. Moscou tem sido cautelosa de que a principal tarefa no momento é “evitar uma maior degradação da situação no país”. A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova, disse: “Consideramos uma tarefa urgente organizar um diálogo nacional para restaurar a paz civil, garantir a lei e a ordem ... e resolver a situação do país.”

Claramente, Niamey não sucumbirá à pressão de forasteiros. “As forças armadas do Níger e todas as nossas forças de defesa e segurança, assistidas pelo apoio infalível do nosso povo, estão prontas para defender a integridade do nosso território”, disse um representante da junta em comunicado. Uma delegação de

Niamey foi ao Mali pedindo que os combatentes Wagner afiliados à Rússia se juntassem à luta no caso de uma intervenção apoiada pelo Ocidente.

Não se espera uma resolução precoce da crise em torno do Níger. O país é um estado chave na luta contra a rede jihadista e está estrategicamente e estruturalmente ligado ao seu vizinho Mali. E a situação na região do Sahel está piorando. Isso tem profundas implicações para a crise estatal na África Ocidental como um todo.

O excepcionalismo americano não é uma panaceia universal para os males existentes. O Pentágono ajudou a treinar pelo menos um dos líderes do golpe no Níger – e os do Mali e Burquina Fasso, que prometeram vir em defesa do Níger. No entanto, falando de Niamey na segunda-feira, a vice-secretária de Estado em exercício dos EUA, [Victoria Nuland](#), lamentou que os líderes do golpe se recusassem a permitir que ela se encontrasse com o presidente deposto Mohamed Bazoum e não fossem receptivos aos apelos dos Estados Unidos para devolver o país ao governo civil.

A missão de Nuland visava dissuadir os líderes golpistas de se envolverem com o grupo Wagner, mas ela não tinha certeza do sucesso. Nuland não conseguiu um encontro com o general Tchiani.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
